

Tema: Sector Vitivinícola						Âmbito: Nacional	Tiragem: 60457
Título: António Barreto prepara documentário sobre um ano de vida do Douro						Temática: Generalista	GRP: 5.1
2006/09/23	PUBLICO – PRINCIPAL	Pág. 43	Imagem: 1/1			Periodicidade: Diária	Inv.: 2100.00

António Barreto prepara documentário sobre um ano de vida do Douro

O sociólogo António Barreto vai fazer uma longa-metragem de cerca de hora e meia sobre o ciclo anual da região do Douro. O projecto, chamado *As Horas do Douro*, é um filme documental e o autor tenciona que venha a ser exibido nas salas de cinema e na televisão – embora ainda não haja qualquer vínculo aos canais de sinal aberto.

O projecto tem já parte do financiamento assegurado pelo ICAM – Instituto do Cinema, Audiovisual e Multimédia, que o inclui no concurso deste ano para a produção de documentários, e lhe atribuiu 50 mil euros; o orçamento global ainda está em elaboração. “É um velho sonho meu, desde que escrevi dois livros sobre o Douro, há mais de 20 anos”, disse ao PÚBLICO António Barreto. Por enquanto está ainda na forma de guião. Mas começará a concretizar-se em Janeiro próximo, altura em que arrancam as filmagens que, claro, demorarão pelo menos um ano.

Quem transformará o guião em imagens será a realizadora Joana Pontes, que também está a fazer com António Barreto a série documental de sete episódios *Portugal, Um Retrato*, que a RTP exibirá no início do próximo ano. O currículo de Joana Pontes é recheado: é a autora de *A Hora da Liberdade* (SIC), *O Século XX Português* (13 episódios, SIC), e *O Escritor Prodigioso* (sobre Jorge de Sena). A produtora é a Filmes do Tejo, de Maria João Mayer, enquanto o director de fotografia é João Ribeiro – de projectos como *Lisboetas*, *Entre Muros e Portugal*, *Um Retrato*.

O guião do documentário foi organizado “à maneira” de um Livro de Horas medieval, de modo a fazer um retrato da região, quintas e pessoas ao longo de um ano inteiro, ou seja, ao longo de um calendário vinícola completo, descreve o autor. “O filme está organizado à volta dos trabalhos e das actividades da região ao longo do ano. Todo

o Douro muda (a paisagem, a luz, as cores, a vida, os movimentos das pessoas, os sentimentos) conforme as estações do ano”, acrescentou.

“Queremos contar o Douro ao longo do ano, nas suas quatro estações; mas também queremos contar o Douro na sua história, nos últimos 100 ou 200 anos”, afirma António Barreto. Para isso, os lavradores, que vão ser os protagonistas do filme, contarão a sua história e a das quintas onde trabalham. No caso destas últimas, serão feitos diversos *flashback*, para desenhar o percurso desde a demarcação pombalina de 1756 até à filoxera de 1870, ou as sucessivas crises que assolaram a região – tanto políticas como económicas.

O trabalho braçal de transformação da paisagem terá igualmente destaque: “Fazer os socos, fazer os morros, domesticar o rio, construir as quintas e os lagares, plantar vinha nos locais mais inacessíveis, transportar uva às costas: foi trabalho de inferno. Foram trabalhos penosos e dolorosos, feitos manualmente, antes das máquinas e dos tractores, em encostas íngremes e sob o calor de mais de 40 graus”, conta o autor.

Mas como a paisagem duriense que actualmente se conhece só é assim por causa do vinho, também este será, gota a gota, analisado: como se deu a expansão do comércio deste néctar por todo o mundo, a explosão recente dos vinhos tintos e dos novos produtores, o peso nas exportações agora e no auge do império dos comerciantes ingleses.

“Pelo Douro se fizeram guerras, se matou, se julgou, se condenou, se prendeu. Sobre o Douro tudo se escreveu, poesia e teatro, ensaio e romance. É talvez a região do país sobre a qual se escreveram mais monografias e mais estudos”, realça António Barreto. ■ MARIA LOPES

ARMANDO FRANÇA/AP



Paisagem típica do Douro vinhateiro